



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

“SPECULAE” E “RUMO À TERRA DO SEM-FIM”: UM RETRATO DA AMAZÔNIA EM DOIS CONTOS

Italo Pereira Dutra¹

Introdução

No contexto do relato de exploração, a ‘descoberta’ só se torna real quando o viajante retorna para casa e a evoca através de textos.

Mary Louise Pratt – *Os olhos do império*.

Durante séculos a Amazônia tem sido alvo de grande cobiça pelos estrangeiros². Pelo fato de possuir inúmeras riquezas naturais, além de uma vasta flora e fauna, várias expedições foram organizadas com o intuito de extraí-las. Mas não era tão fácil percorrer o longo caminho pelos rios em busca do “El Dourado”, uma vez que os estrangeiros não eram acostumados com o clima da floresta tropical, e muitos acabavam ficando pelo caminho. Nessa corrida pela conquista de novas terras para exploração de minérios, entre outras riquezas, há uma voz que ficou muito tempo silenciada, é a voz do nativo, aquele que bem antes dos colonizadores chegarem às terras amazônicas, já faziam parte desse “novo mundo”, que acordo com Rocha, “era tão somente um outro “velho mundo” (ROCHA, 2015, p.33). Enquanto o processo de exploração estava em andamento nas novas terras, os colonizadores ignoravam os nativos, pois os mesmos eram considerados por eles seres de raça inferior, e a partir desse discurso, eles desapropriaram, escravizaram, e massacraram centenas de índios.

¹ Mestrando no curso de Estudos Literários da Universidade Federal de Rondônia – UNIR. E-mail: italodutra06@hotmail.com

² Ver a obra *Sertões de bárbaros: o mundo natural e as sociedades indígenas da Amazônia na visão dos cronistas ibéricos* (século XVI-XVII), de Auxiliomar Silva Ugarte, (2009).



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

Durante anos o discurso de proteger a floresta tropical inferiorizando o homem amazônida tem sido muito comum por estrangeiros nos seus relatos de viagem. Mas afinal, qual o objetivo dessas construções e repetições acerca da inferioridade do nativo? Como essa inferioridade é mostrada? Há mesmo um interesse em proteger a floresta amazônica? Estas são algumas questões que só podem ser respondidas por meio da pesquisa feita sob a perspectiva pós-colonialista. Nos contos “Speculae” e “Rumo à terra do Sem-fim”, podemos ver como tudo isso acontece pelos discursos de um jornalista britânico e um nova-iorquino ao desembarcarem em Porto Velho.

Speculae

O conto “Speculae”, do termo latim (Speculum: espelho), contido na obra *Gaivotas*, tem sua narrativa baseada na viagem do britânico Henry Major Tomlinson, que em 1910 visitou a Estrada de Ferro Madeira Mamoré. Tomlinson navegou dias no navio *Capella* para, enfim, deslizar nas águas do Rio Amazonas e, posteriormente, no Rio Madeira. Mas, antes mesmo de deparar-se com a floresta amazônica, Tomlinson já tinha um discurso do maravilhoso e do sublime acerca da Amazônia, com seus encantos e tesouros. Era a Amazônia para ele o tão sonhado “El Dorado”.

O Amazonas. Todos os seu não menos magníficos e lustrosos afluentes, com seus barrancos alaranjados e pontuados, que ali, com pedrinhas da cor de esmeraldas e diamantes; com o verdor vivo das sumaúmas, seringueiras, castanheiras, mulateiros e demais vegetais, com seus troncos reluzentes e sedosos, com os cipós distendendo-se de suas copas até as águas amareladas e convulsivas, esparramando, exuberantemente, suas plumas incontáveis, pendentes dos galhos frondosos cheios de ninhos de filhotes de passarinhos de inúmeras espécies; e com as casinhas brancas dos nativos enfileiradas, meio que suspensas das águas (ROCHA, 2015, p. 67).

Tomlinson não foi o primeiro a aventurar-se pela floresta amazônica na sua época, outros exploradores, hoje renomados, já tinham realizado essa aventura anteriormente. A floresta amazônica sempre foi vista como um lugar misterioso e inexplorável, ao mesmo tempo despertando admiração e interesse pela sua beleza e



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

riquezas naturais por países que se auto intitulavam países de “Primeiro Mundo”. Com isso, uma série de expedições foi organizada por esses países com o intuito de explorar essas terras ainda desconhecidas. Entre outras, citamos apenas alguns desses viajantes, Charles Marie La Condamine, Alexander Humboldt, Spruce, Henry Bates, Spix, Martius e Louis Agassiz. Como forma de ilustração podemos citar uma passagem do relato de viagem *O mar e a selva*:

Estamos navegando na selva faz mais ou menos uma semana. Eu deveria ter me convencido agora de que ela é algo material. Mas, por que eu deveria supor que seja isso? Não tivemos nenhuma chance de examiná-la. Não parece real. Não me lembra nada da vegetação que eu conheço. Quando você vê as primeiras montanhas, um lampejo delicado e fantasioso, no rumo das estrelas, você se lembra das substâncias das colinas? Tenho examinado a selva durante muito tempo, essa floresta imutável e silenciosa, que agora penso que é como o céu, intangível, uma aparição; é o que o olho vê do infinito, exatamente como o olho vê o colorido azul do firmamento, ao meio dia, e o brilho da Via Láctea, à noite. Porque a mente vê essa floresta melhor do que o olho (TOMLINSON, 2014, p. 157).

A princípio, enxergamos Tomlinson apenas como um navegante e jornalista londrino admirado com a beleza da floresta amazônica, mas pelo viés pós-colonialista, não podemos esquecer o motivo de sua viagem rumo à Amazônia, pois durante séculos, o principal objetivo das grandes expedições foi descobrir, colonizar e explorar as terras conquistadas, uma vez que estrangeiro sempre traz consigo o olhar de suas origens, conforme Hélio Rocha, “Segundo os estudos pós-coloniais, o olhar do branco vindo dos países “civilizados” representa o olhar de seus países, isto é, representa os olhos do império” (ROCHA, 2012, p. 135).

Outro fato perceptível no discurso de Tomlinson, assim como em outros relatos de viagem, é a enorme valorização da floresta amazônica deixando de lado o nativo, ou, quando citado, é mostrado de forma inferior, como um selvagem, uma vez que o principal interesse são as terras e seus produtos minerais, etc. De acordo com Tomlinson, “Eles eram indivíduos acanhados; e cada um carregava um facão brilhante na mão, porque não pareciam estar muito seguros de nossa companhia” (TOMLINSON, 2014, p. 204).



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

“Entretanto, não vejo uma estrada sequer para o lugar dos meus sonhos: a floresta tropical. As muralhas cercam tudo. Nuvens azuis, cinzentas e avermelhadas protegem a entrada do Éden, só pode ser” – disse Tomlinson para seu amigo Hill, um texano que se espreguiçava sobre a amurada do tombadilho, enquanto soltava baforadas de seu cachimbo prateado; e se imaginava voando como uma gaivota estridente nos céus daquelas águas barrentas. “É companheiro, parece que os deuses dos trópicos não querem que encontremos seus santuários cintilantes” – respondeu Hill a seu amigo e companheiro de jornada. As águas correndo de um lado e de outro do casco daquele navio estranho no cenário, como os véus esvoaçantes de uma noiva que atrasada e sorridente numa igreja rústica, cercada de jardins floridos e casais felizes sentados em bancos de mármore dispostos em volta de uma pracinha graciosa das cidadezinhas da terra das Amazonas; o sol arremetendo seus raios dourados entre os cirros azuis, onde querubins tinham suas faces e suas asas resplandecentes ofuscadas por um clarão invisível aos olhos tão meramente humanos, estendendo sua luz rejuvenescedora até as casinhas mais distantes em cima daquelas fitas flamejantes de barro vermelho, com suas almas cantarolantes em seu interior; e o canto das gaivotas barulhentas rasgando o silêncio ensurdecedor do Amazonas; tudo, tudo isso era música aos ouvidos daquele ser que, de instante em instante, aprendia e guardava consigo os segredos da vida e da morte. Não. Não eram segredos de morte – repito. Eram enigmas celestiais ocultos às almas de estripes providas de sentimentos nobres e sublimes. Caminhava para o Paraíso. Disso ele tinha consciência (ROCHA, 2015, p. 68-69).

E nesse paraíso protegido pelos deuses Tomlinson refletia sobre o homem habitante de Londres, e o homem navegante dos rios e terras longínquas. Conforme Rocha, a alma desse viajante londrino,

Era simplesmente um *speculum* plano e estriado. Interior e exterior revezavam-se num fluxo e refluxo contínuos.
Ah! As noites, os Dias e os Poetas!
Ó! A Selva Amazônica! O Oceano!
E o próprio eu-viajante esparramando-se e chocando-se em seus limites – o infinito. Ele era Capella. Ah! Ele era o próprio Mar!” (ROCHA, 2015, p. 73).

No final, o leitor pode perceber que, mar e rio, cidade e selva, todos estavam contidos no mesmo homem, cujo retrospecto continha várias histórias, de diversos países até chegar ao Éden, e repensar sobre coisas simples da vida.

Rumo à terra do Sem-fim



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

“Rumo à terra do Sem-fim”, também da obra *Gaivotas*, é um conto baseado em mais uma das inúmeras obras produzidas por estrangeiros que vieram para o Brasil, em particular Porto Velho, com o discurso de “proteger” a floresta amazônica, mostrando sua degradação pelos povos que nela habitam, os “nativos”.

Esse conto se ambienta na década de 80, do século XX. Com a construção da BR-364, grande foi a demanda de estrangeiros pelas terras amazônicas. Procuravam esses viajantes saber o que estava acontecendo com a maior floresta tropical do mundo. Bob Reis foi um desses jornalistas que visitou a região e fez diversas entrevistas durante sua jornada. “E Bob entrevistou brasileiros, políticos, ambientalistas e cientistas em Belém, Manaus, Porto Velho e Rio Branco” (ROCHA, 2015, p. 39).

O conto em análise nasceu a partir da introdução do relato de viagem *The Road to Extrema*, e o título é uma referência à obra *Cobra Norato*, de Raul Bopp. Essa referência é dada porque a forma da BR-364 lembra uma cobra serpenteando terra adentro, portanto, o narrador cita:

E ali, como a Cobra Norato, a estirar-se “no ventre do mato mordendo raízes”, a BR-364 se espichava rumo ao Pacífico. E Bob tinha sobrevoado o Atlântico leitoso para visitar aquelas terras do Sem-fim. Glóbulos vermelhos e brilhantes, faróis de carros, como que flutuando sobre o corpo da Cobra Norato, reluziam. Favelas e avenidas tomavam formas dando o ar da graça àquela cidade da floresta. Edifícios em alvenaria, escritórios e conjuntos de apartamentos esparramando-se para todos os cantos daquela imensa ferida avermelhada, a “cidade clareira”. Ou seria “A cidade empresa” do velho Farquhar? (ROCHA, 2015, p. 34).

Bopp descreveu a Amazônia na sua obra *Cobra Norato*, como um lugar longínquo e calmo, despreocupado dos conflitos por terras, como o próprio narrador descreve:

Um dia
eu hei de morar nas terras do Sem-fim
Vou andando caminhando caminhando
Me misturo no ventre do mato mordendo raízes
Depois



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

faço puçanga de flor de tajá de lagoa
e mando chamar a Cobra Norato (BOPP, 1978, p. 5).

O escritor e jornalista investigativo Bob Reiss (1951-?) visitou a Amazônia no final dos anos 80 em busca de dados para a escrita de um livro. O objetivo de Reiss era por meio investigativo, organizar um material para a publicação de um livro que mostrasse aos leitores os danos causados à floresta amazônica por ações desenvolvimentistas, próprias da época. Eis um trecho do conto que elucida essa afirmativa:

Bob contou-lhe sobre o livro que planejava escrever. Uma coletânea de histórias que seriam colhidas dos amazônidas e de nova-iorquinos. Na parte brasileira do livro, as histórias contadas pelos Karitiana, Caripuna, Juna, Cinta-Larga, Arikemê, Kassupá e garimpeiros, seringueiros, ribeirinhos, extrativistas, colonos, fazendeiros e cientistas que ele esperava encontrar ao longo da BR-364. Uma estrada cortando aquele tapete tropical (ROCHA, 2015, p. 32).

No conto “Rumo à terra do Sem-fim”, a reação de Reiss ao sobrevoar a floresta, chegando à cidade de Porto Velho não foi tão diferente da reação de outros que o antecederam. Embora conhecesse vários relatos de viagem que retratam a floresta amazônica, faltava-lhe o contato com o desconhecido, com o qual sonhava desde criança.

O CENHO de Bob Reiss franziu ao olhar pela janela do *Boeing 727*. A floresta, como um tapete mágico, preenchia o horizonte em toda e qualquer direção que Bob, atonitadamente, olhava. Uma vegetação bastante fechada cobria aquela superfície verdejante onde, diziam alguns de seus predecessores, se achava a raça do pai Adão por ali dispersa. As bordas daquele tapete se desdobravam na medida em que cruzavam as nuvens espessas daqueles céus avermelhados. Em meio aos nimbos açafronizados, Bob via uma imensa linha de cor alaranjada. Via também uma imensa clareira, que era cortada ao meio pela curva sinuosa de um rio. Devia ser o Madeira. Suas águas revoltosas manchavam a aparição daquele mar selvático de ondas verdes, que Bob tanto sonhava conhecer. “Ali, debaixo daquele verde inominável da folhagem daquelas árvores gigantescas, devia haver pedras preciosas do reino das lendárias Amazonas (ROCHA, 2015, p. 31).



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

De fato, a floresta amazônica era exuberante para Reiss, porém, tal descrição não foi utilizada no conto pensando nas pessoas que fazem parte dela e, embora estivesse fascinado pela floresta amazônica e, por meio dela, recolher material para a elaboração de um livro que denunciasses o desmatamento, Bob fez, em seu livro, um link com seu país, mostrando que a principal causa dos problemas de saúde sofridos pelos cidadãos nova-iorquinos era a irresponsabilidade do homem amazônida. Em outras palavras, o discurso de proteção de Reiss, ao que se pode compreender, preocupa-se apenas com o bem-estar do seu país, ou seja, os Estados Unidos da América:

Bob contou-lhe o fato de vidas serem afetadas por ações humanas feitas em lugares tão distantes o intrigava. Queria, portanto, examinar teses de cientistas e pesquisadores sobre o meio ambiente, remédios homeopáticos, mudanças climáticas, comércio, finanças e aquecimento global. Por que as queimadas estavam afetando a vida de pessoas que viviam tão longe da Amazônia, lugares como Genebra, Londres, Munique, Pequim e Nova York? (ROCHA, 2015, p. 32-33).

Sob o viés pós-colonialista, podemos ver no conto “Rumo à terra do Sem-fim” que o estrangeiro envereda-se pelo pensamento colonizador desde cedo, seja por meio da literatura de viagem ou de outros veículos de comunicação colonizadores. Esse pensamento é que alimenta sua sede de chegar a outros lugares e se julgar superior, oferecendo um progresso no qual ele afirma que os outros, os visitados, são fracos, inexperientes, incultos e, portanto, dependem da ajuda de estrangeiros, pois, de acordo com Albert Memmi, “sempre que o colonizador alega que o colonizado é fraco, ele está sugerindo uma proteção” (MEMMI, 1977, p. 82).

Pelo fato da representação do homem amazônida ser tão inferiorizada, Reis acaba se surpreendendo na medida em que conhece a região, pois para muitas mentes colonizadoras, a região amazônica é “o fim do mundo”³, um lugar à margem da civilização, a última fronteira. De acordo com o narrador do conto em análise, “A fronteira já começava a trabalhar suas surpresas em Bob. Coisas do tipo: um

³ Ver *O ladrão no fim do mundo*, de Joe Jackson.



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

aeroporto novinho em folha com paredes de vidro e lojas de *souvenir* vendendo camisetas e artesanatos amazônicos” (ROCHA, 2015, p. 41). Em outra passagem, temos: “E as casas agradáveis, estilo do sul da Califórnia, com portão, garagens e entrada para carros e as alamedas de árvores nas avenidas escuras eram surpresas para alguém dos EUA” (ROCHA, 2015, p. 43). E continua o narrador: “Era sábado. Oito da noite. Muitas pessoas divertiam-se nos bares. Um casal de adolescentes passou numa moto. Como qualquer cidade? Onde está a fronteira? (ROCHA, 2015, p.43).

Mesmo assim, Bob continua seu relato sobre a floresta amazônica de uma forma sempre exuberante, enquanto retrata o amazônida sempre de forma selvagem, estereotipada ou, negligenciado em suas representações sociais. Essa construção discursiva de Reiss acaba sendo transmitida não só para a cidade nova-iorquina, como também para o próprio país que está sendo visitado, tendo em vista que brasileiros da região centro-oeste do Brasil contribuem com essa representação negativa do amazônida, pois, “Rumo à terra do Sem-fim” mostra essa passagem:

“A Amazônia é o nosso programa espacial;” informara um brasileiro ao *Washington Post*. Era por isso que Bob amara tanto aquela fábrica. Aquelas máquinas possibilitariam pessoas como ele alcançar lugares com o qual haviam sonhado desde a infância. A floresta mágica que Bob queria ver desde os nove anos de idade, sentado numa living-room, no Queens, num dia chuvoso, assistindo aos filmes de Tarzan, ou lendo livros sobre animais exóticos, ou visitando o zoológico do Bronx e vendo os animais vivos, mas atrás das grades. Bob queria visitar a floresta, tocar em suas maravilhas, maravilhar-se em um lugar mais selvagem do que o Queens (ROCHA, 2015, p.36).

Com relação ao choque sofrido por Reiss ao entrar em contato com o novo, num lugar que pensava ser o fim do mundo, longe da civilização, fica mais evidente o preconceito sobre a região amazônica, como se sua população não possuísse uma cultura própria, capaz de fazer com que o povo seja independente. Porém, não é interessante para o colonizador que o colonizado tenha essa consciência de cultura, pois isso torna mais difícil a imposição do seu discurso de colonização sobre o “outro”.



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

sobre esta região. Então, mesmo observando in loco, os autores “veem o que eles querem ver”, escrever sobre a região que a “verdade” que eles querem divulgar para a humanidade (NENEVÉ, 2011, p.101, tradução minha).

Tomlinson e Reiss são viajantes estrangeiros nos contos “Speculae” e “Rumo à terra do Sem-fim” que vieram com essa construção discursiva formada sobre o homem amazônida em épocas distintas.

Considerações finais

Este artigo teve como objetivo geral, relacionar um conjunto de ideias nos contos “Speculae” e “Rumo à terra do Sem-fim” que mostram como vem sendo construída a imagem do homem amazônida nas obras literárias estrangeiras. Mostrar como o estrangeiro vê e descreve o homem amazônida, e quais artificies ele usa para estereotipar e inferiorizar o amazônida, construindo um discurso de superioridade alegando que o “outro” é incapaz. Após essas pontuações, há também a proposta de como combater essas ideias impostas pelo estrangeiro, desmistificar a imagem carregada de estereótipos do homem amazônida por meio da própria literatura, ou seja, fazendo uma reescrita de uma literatura própria, sob o viés pós-colonialista. Essa literatura deve ser escrita de modo que mostre a realidade do nativo, do oprimido, e que venha resgatar suas crenças, costumes, e que mostre que ele também é capaz de se desenvolver.

Referências:

- ASHCROFT, Bill; GARETH, Griffiths; and HELEN, Tiffin. ***The Empire Writes Back: Theory and practice in post-colonialism literatures***. London and New York: Routledge, 1989.
- BHABHA, Homi K. ***O Local da Cultura***. Trad. Myriam Ávila et al. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

